

A CARTA ENCÍCLICA LAUDATO SI DO PAPA FRANCISCO.

UMA GUIA DE LEITURA PARA SUA COMPREENSÃO

Pe. Wagner Francisco de Sousa Carvalho¹

Resumo: O artigo oferece uma síntese da Carta Encíclica Laudato Si do Papa Francisco a partir de cinco importantes elementos. Por primeiro, apresenta a motivação do Papa pela escolha do tema; em seguida, a exposição da gravidade da situação atual da nossa casa comum; o terceiro, refere-se a publicação e apresentação, sendo que o quarto concentra-se sobre o conteúdo de cada capítulo. Neste, procura destacar as suas ideias centrais evidenciando, aquilo que o Pontífice sublinha como causas da crise ecológica e, as sugestões que podem ser consideradas quando se trata do cuidado pelo nosso planeta. A discussão em curso se amplia quando são acrescentados comentários e referências acerca da temática em estudo. Por último, ressalta a importância da Carta para a discussão atual, e a põe como uma das principais referências teóricas quando se busca compreender e encontrar soluções diante da crise ecológica contemporânea.

Introdução

A presença do tema da ecologia no magistério da Igreja não é recente. Como podemos ver mais adiante, sempre houveram reflexões sobre o nosso planeta levando em consideração o tempo e a situação da realidade como contextos. No entanto, se tratando da Laudato Si² ela se apresenta como uma novidade no sentido de sê-la a primeira Carta Encíclica, escrita por um Papa, com a finalidade de tratar, especificamente, da questão ecológica como dimensão daquilo que está acontecendo atualmente com a nossa casa comum.

¹ Licenciado em Filosofia no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI/PI. Mestrando em Ciências da Educação com especialização em Catequética pela Universidade Salesiana, Roma, Itália. Email: padrewagner@hotmail.com

² FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si'*. *Sobre o cuidado da casa comum*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2015. Indicar-se no texto com a sigla LS e o número correspondente.

Tal Encíclica é vista também por muitos estudiosos como uma ampliação das afirmações que Francisco fez já na homília do início do seu pontificado quando nos fez recordar que “somos guardiões da criação e que não podemos deixar que os sinais de destruições e de morte acompanhem os caminhos deste mundo”.

Contudo, a beleza e a riqueza da LS ultrapassa “os discursos eclesiais” e se põe em *diálogo com todos*, recolhendo informações e contribuições dos vários âmbitos do conhecimento, havendo quem chegue a afirmar que foi o Documento com mais contribuições de outras áreas e religiões ao interno do seu conteúdo.

O nosso objetivo é, portanto, oferecer uma síntese da Carta enriquecendo a discussão com comentários e estudos que já se sucederam após a sua publicação. Por isso, serviremos do método descritivo para analisarmos a exposição da estrutura, importância e motivações pelas quais o Papa Francisco a escreveu.

Analisaremos as ideias centrais de cada capítulo. Isso o faremos conscientes de não exauri-las por completo devido a riqueza que possui em cada número, mas esforçaremos de direcioná-las tendo presente a proposta de Bergoglio de uma ecologia integral e holística na qual todas as realidades estão interligadas, superando a fragmentação e a visão dicotômica do homem como um ser separado do restante da criação.

Ao fim esperamos de ter alcançado nossa finalidade que é de compartilhar o valor da reflexão para os dias atuais e suscitar novas interpretações e agires em vista de salvaguardar nossa Casa Comum.

1. Motivação do Papa Francisco pela escolha do tema

A motivação pelo tema e a gravidade da situação da nossa casa são dois fatores complementares com os quais Francisco apresenta sua preocupação com aquilo que está acontecendo com o mundo. Sua proposta de diálogo faz reconhecer, primeiro as diversas contribuições e reflexões sobre a questão e, depois faz suscitar inquietações de como agir diante do atual cenário mundial. Vejamos!

1.1. Importância do tema ecológico

O tema ecológico suscitou nos últimos tempos inúmeras reflexões. Tanto no âmbito, científico, econômico, político e religioso se desenvolveram inúmeras interpretações a cerca daquilo que acontece no mundo. Na Igreja, de modo especial, muitos Papas fizeram declarações

ligadas a esta discussão e, ao modo de cada um e cercado por suas realidades, deram as suas contribuições fortalecendo aquilo que se chama Magistério Social da Igreja.

Reconhecendo essa riquíssima herança, o Papa Francisco, ao descrever a problemática ecológica nos dias atuais, fez recordá-los³, mas também alguns teólogos de outras religiões, do esforço constante em defesa da Casa Comum. Deste modo, ele recorda Santo Papa João XXIII, com a encíclica *Pacem in Terris* (cf. LS 3) na qual demonstrava seu apelo pela paz mundial em meio a um trisco de uma crise nuclear; o Papa Paulo VI, que vislumbrava a “problemática ecológica como consequência dramática da atividade descontrolada do ser humano” (LS 4).

Com São João Paulo II, porém, a temática se alargou. Ele chamou atenção para uma “conversão ecológica global” (LS 5) em meio as poucas iniciativas contrárias ao uso ou consumo imediatos; Papa Bento XVI, renovou convite a “corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito do meio ambiente” (LS 6).

Fora da Igreja Católica, além dos cientistas, “filósofos, teólogos e organizações sociais que enriqueceram o pensamento da Igreja sobre estas questões” (LS 7), outras comunidades cristãs, também se detiveram a temática, como por exemplo, o Patriarca Ecumênico Bartolomeu que chamou “atenção para as raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais, vendo como saídas a estes, não só apenas soluções técnicas, mas a mudança do ser humano” (LS 9).

Papa Francisco, por sua vez, evoca uma ecologia integral na qual todos se unem como “uma única família na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS 13). Não se trata pois, de um discurso normativo, mas propositivo no qual o diálogo é a forma de renovar a maneira do futuro do planeta. Não resumindo, portanto, num cuidado com o meio ambiente em si, mas também com a dimensão social na qual se “integra a justiça, a discussão sobre o meio ambiente, a escuta do grito da terra quanto ao grito dos pobres” (LS 49). Em síntese, é uma forma de afirmar que “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” (LS 139).

³ Para uma visão mais ampla desta questão, remeto a Santambrogio, no seu artigo, *Ambiente e natura nel magisterio degli ultimi papi*, no qual apresenta um longa lista de outros Papas e Encíclicas importantes que falaram sobre esta temática. (Cf. STEFANI Piero – Roberto RUSCONI et al., *Commenti all’Enciclica “Laudato Si”*. Sulla cura da Casa Comune di Papa Francesco, Brescia Editrice La Scuola, 2015, 180-185.); também em: J.I. KUREETHADAM (Ed.), *Cura della casa comune. Introduzione a «Laudato si'» e sfide e prospettive per la sostenibilità*, Roma, LAS, 2015, 15-19.

1.2. Gravidade da situação atual

Na narração bíblica da criação, o autor sagrado destaca a importante colaboração do homem no cultivo das obras criadas por Deus (cf. Gn 1-2). São Francisco de Assis, exemplificou esta convicção a partir de seu próprio modo de viver consigo mesmo, com Deus, com a terra e aquilo que a circunda, chegando a compará-la “ora como uma irmã, com quem se compartilha a existência, ora com uma boa mãe, que nos acolhe em seus braços” (LS 1).

No entanto, assim destaca o Papa Francisco, nossa irmã terra se lamenta, antes protesta porque o homem, com a presunção de ser seu “proprietário e dominador, se sentiu autorizado a saqueá-la” (LS 2): expressão da violência que habita no coração do homem, consequência do pecado e do alargamento dos sintomas de doenças penetradas em toda a criação. Por isso, também a terra oprimida e devastada, como havia já dito Apóstolo Paulo, “geme e sofre as dores de parto” (Rm 8,22).

J. Isaac, inspirando-se no que descreve a Encíclica sobre o que se passa em nossa Casa Comum, resume de modo satisfatório a gravidade da situação, assim ele diz:

Hoje, a nossa casa planetária está caindo em ruínas. Não tem tido nenhuma advertência em tal sentido, sobretudo da parte da comunidade científica. Estamos sobre uma onda de um desafio global sem precedentes por quantos resguarda a sustentabilidade de nossa casa comum, que põe um ponto interrogativo sobre o futuro mesmo da vida humana. Até a resposta internacional à crise foi dolorosamente lenta e não tem sido à altura do desafio que a nossa casa comum enfrenta. Influenciada por partes dos interesses econômicos a política mundial foi pateticamente impotente de frente a precariedade da nossa casa comum. Várias negociações sobre a mudança climática dos últimos anos, por exemplo, alcançaram uma tal situação de estabilidade que faz-nos temer que estamos condenados a um mundo superaquecido, com temperaturas sufocantes, derretimento de geleiras e zonas costeiras inundadas ao longo de décadas e séculos vindouros... Estamos condenando as gerações futuras a uma casa comum em ruínas⁴.

Refletindo sobre esta realidade, A. Spadaro, chegou a afirmar que “do cenário luminoso de louvor presente no início da Encíclica, também se sente sair o grito da mãe terra que protesta pelos danos que lhe provocamos e se une aqueles dos povos, interpelando a nossa consciência e convidando-nos a refletir sobre os pecados contra a criação”⁵.

De fato, nos mecanismos reais da economia atual se reconhece uma importância da atividade social dos sujeitos consumidores em detrimento aos atos de conservação ou preservação das fontes primárias, exigindo agora, na verdade, uma “operação copernicana no modo de conceber a economia, as suas regras internas e os seus instrumentos operativos, a partir

⁴ J. I. KUREETHADAM (Ed.), *Cura della casa comune*, 33.

⁵ A. SPADARO, *Laudati Si'*. *Guia alla lettura dell'enciclica di Papa Francesco*, in «Civiltà Cattolica» 3961 (2015), 3.

do seu desempenho ético e da sua renúncia instrumental, para recuperar a sua dimensão eminentemente civil, mas também política”⁶.

Neste sentido, o Papa Bergoglio, chama atenção afirmando que “a política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia” (LS 189). Com isso convida-nos a todos, indivíduo, famílias, nações e comunidades internacionais a uma “conversão ecológica”, isto é, de mudar de rumo, assumindo a beleza e a responsabilidade de um empenho em favor do Planeta.

A LS, portanto, reúne todas essas problemáticas tornando-se uma referência teórica sobre a questão. Vejamos pois, como Pontífice a abordou a temática em si. Não sendo nosso objetivo emitir juízes ou avaliações sobre a mesma, mas destacar em cada uma de seus capítulos as ideias centrais abordadas pelo Papa.

2. Publicação e apresentação da Carta

Em 25 de maio de 2015, Solenidade de Pentecostes, o Papa Francisco publicou a Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. De certa forma, ela é uma ampliação de suas afirmações já ditas na homília no início do seu pontificado quando nos fazia recordar que nós “somos guardiões da criação e que não podemos deixar que os sinais de destruições e de morte acompanhem os caminhos deste mundo”⁷.

É uma carta, como já assinalamos anteriormente, que se põem em continuidade com o ministério da Igreja acerca da questão, mas ao mesmo tempo, se torna uma novidade por ser a primeira Encíclica dedicada a problemática que acontece em nosso Planeta, tendo assim, presente não só a realidade ambiental em si, mas a social, econômica, política e religiosa.

A intenção do Papa é, pois entrar em “diálogo com todos” (LS 3) fazendo destes os seus destinatários da mensagem e convocando-os a refletir a partir de um confronto com o contexto atual o que acontece em nossa casa comum. Podemos afirmar que é uma Encíclica para fora das estruturas eclesiais, ou seja, para membros da sociedade que não estão no interno de nossas Igrejas.

⁶ L. ALICI – S. CALVANI – et al., *Abiterai la terra. Commento all'enciclica «Laudato si'» con il testo integrale di papa Francesco*, Roma, AVE, 2015, 117.

⁷ FRANCISCO, *Homilia da Missa, Imposição do Pálio e entrega do anel de pescador para o início do ministério petrino do bispo de Roma*, Vaticano, in <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco-20130319-omelia-inizio-pontificato.pdf>, 2 (09. 03.2017).

A metodologia utilizada é aquela de ver, julgar e agir concebendo os três momentos não como partes separadas uma das outras, mas cada uma contribuindo internamente e estabelecendo entre si uma sequência linear e progressiva. De tal forma, que podemos identificar:

O ver não apenas oferece uma visão da realidade, mas que também incida sobre o julgar como nova possibilidade de se interpretar os textos inspirados e as tradições genuínas da fé. O julgar, por sua vez, discernirá o que se viu no momento anterior, também porque revisitado e, conseqüentemente, reinterpretado de maneira criativa pelo próprio ver. E assim por diante. O agir, por seu turno, se dará de modo mais eficiente uma vez que foi preparado pelo ver crítico e pelo discernimento de fé, mas, ao mesmo tempo, retornará ao ver e ao julgar com o intuito de reiniciar o inteiro processo, potencializando-o⁸.

Outro aspecto interessante sobre o metodologia presente na LS é a interdisciplinaridade dos conhecimentos, ou seja, para repararmos o que acontece em nosso planeta e propor soluções, significa permitir que “nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser desconsiderada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria” (LS 63).

Esta dimensão interna da Encíclica mostra que o seu conteúdo apresenta também as contribuições dos estudos científicos e não apenas dos documentos e ensinamentos eclesiais, e quando os retoma, os aborda não da mesma maneira utilizados em outras Encíclicas, mas busca-os justificar explicando que a ciência e a religião podem ter um diálogo fecundo. Neste sentido, podemos encontrar no início do segundo capítulo, uma pergunta que nos ajuda a entender o supracitado: “Por que motivo incluir, neste documento dirigido a todos as pessoas de boa vontade, um capítulo referente às convicções da fé?” (LS 62).

Evidentemente, que o Papa Francisco não responde somente a tais perguntas deste tipo, como bem se pode encontrar em toda a carta outras inúmeras perguntas e questionamentos, mas ele apresenta um percurso, com o qual, se pode compreender o seu próprio apelo e a necessidade de um cuidado maior sobre a nossa casa. Por isso, ele mesmo o indica no início da Encíclica que fará escrevendo-a em seis capítulos:

Em primeiro lugar, farei uma breve resenha dos vários aspectos da atual crise ecológica, com o objetivo de assumir os melhores frutos da pesquisa científica atualmente disponível, deixar-se tocar por ela em profundidade e dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual seguido. A partir desta panorâmica, retomarei algumas argumentações que derivam da tradição judaico-cristã, a fim de dar maior coerência ao nosso compromisso com o meio ambiente. Depois procurarei chegar às raízes da situação atual, de modo a individuar não apenas os seus sintomas, mas também as causas mais profundas. Poderemos assim propor uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia. À luz desta reflexão, quereria dar mais um passo, verificando algumas das grandes linhas de

⁸ S.S. TAVARES, *Evangelho da criação e ecologia integral. Uma primeira recepção da Laudato Si'*, in «Perspect. Teol.» 48 (2016) 1, 63–64.

diálogo e de ação que envolvem seja cada um de nós seja a política internacional. Finalmente, convencido – como estou – de que toda a mudança tem necessidade de motivações e dum caminho educativo, proporei algumas linhas de maturação humana inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã (LS 15).

Feita essa análise inicial da Carta, passaremos agora a descrever o que cada capítulo se propõe, destacando suas ideias principais.

3. Conteúdo e esquema

A LS é composta de seis capítulos, a saber: o que está acontecendo com a nossa casa, o Evangelho da criação, a raiz humana da crise ecológica, uma ecologia integral, algumas linhas de orientação e ação, educação e espiritualidade ecológica. Proporemos descrevê-los tento presentes, segundo nosso modo de compreender, as ideias chaves ao interno de cada um deles. Será um resumo daquilo que se propôs a escrever Papa Francisco.

3.1. O que está acontecendo com a nossa casa

No primeiro capítulo o Papa Francisco apresenta uma visão geral de como se encontra a casa comum. Ele assume as mais recentes aquisições científicas, escuta o grito da criação, para depois “transformar em sofrimento pessoal tudo o que acontece no mundo e assim reconhecer qual é o contributo que cada um pode dar” (LS 19).

Em sete tópicos, o pontífice enumera as situações tendo como ponto de partida para sua análise o próprio hoje, constatando que a dimensão da crise existente é muito mais ampla e articulada, mesmo diante de uma crescente sensibilidade e desejo de transformação e mudança no mundo.

Em uma espécie de leitura ecológica do mundo contemporâneo, a primeira realidade destacada pelo Papa Bergoglio é a poluição e mudanças climáticas (cf. LS 20-26). Estas constituem um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, e constituem um dos principais desafios para a humanidade, especialmente para os mais pobres, pois muitos que possuem mais recursos e poder econômico ou político estão interessados em mascarar os problemas ou esconder os seus sintomas sobrando as consequências para os mais desfavorecidos.

Isso se manifesta na falta de reações e perda do sentido de responsabilidade em relação aos nossos semelhantes e com o resto da criação. Citamos por exemplo, as origens de migrações de animais e vegetais que nem sempre conseguem adaptar-se em um novo ambiente, como

também, a migração dos mais pobres que terminam acarretando o incerto futuro dos filhos. Esta falta de corresponsabilidade com a nossa casa comum gera uma outra cultura, aquela do descartável acusada de transformar os homens e as coisas em lixos, ou seja, a banalização da vida humana e tudo que a envolve com seus valores e princípios, bem como, a liquidificação e relativização do que é correto, bom e justo.

A questão da água (cf. LS 27-31) é outra situação agravante. O Papa a considera como um direito humano essencial, fundamental e universal. Negá-la com sua qualidade principal, isto é, potável, é negar o direito à vida radicado na sua inalienável dignidade.

Porém há muitas pessoas, sobretudo, os pobres que não possuem este privilégio o que se tornam susceptíveis a doenças, como a cólera, diarreia, devido os serviços inadequados de tratamento.

Por outro lado, a questão que envolve a água é também educativa e cultural. Na verdade, falta consciência da gravidade destes comportamentos num contexto de grande desigualdade, até porque há pessoas que lucram com isso, gerando grave dívida social na qual é possível perceber a tendência em privatizar este recurso escasso, tornando uma mercadoria sujeita às leis do mercado.

Da mesma forma se pode afirmar da perda da biodiversidade (cf. LS 32-42) que consiste na crescente depredação dos recursos da terra, os “verdadeiros pulmões da vida no planeta, como por exemplo, no Brasil, a floresta amazônica, e no Congo, a bacia fluvial” (LS 38).

Nestes lugares e outros espalhados pelo mundo é possível notar, a cada ano, o desaparecimento de milhares de espécies animais e vegetais. O homem, mesmo com algumas atitudes de preservação, não são suficientes, pois unidas as estas intenções estão também aquelas do sistema financeiro e do consumismo.

Neste sentido é possível encontrar um choque entre a natureza que quer sobreviver e a tecnologia que dela quer se “alimentar” avançando sobre aquela com a camuflada ideia de progresso e desenvolvimento. Com isso, o Papa entende que os efeitos a biodiversidade não é só no solo, na água, no ar, mas nos próprios grupos de animais e vegetas quando estes, por exemplo, têm seu hábitat atingido, quer por meio de construção de novas estradas ou de novos cultivos que são utilizados agrotóxicos.

As consequências passam a atingir também a qualidade de vida do próprio homem e a vida em sociedade (cf. LS 43-47). Com o crescimento descontrolado de muitas cidades, aumenta-se o caos urbano, a poluição visual e acústica, e a perda do contato com a natureza,

tornando-se um privilégio de poucos, no entanto, o contato com uma área preservada, geralmente localizada em um espaço favorável a poucos e nem sempre aos mais pobres.

Com a justa atenção também se deve dar “aos efeitos laborais de algumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento de energia e... aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico, drogas e a perda de identidade”(LS 46). A tudo isso, se deve ainda adicionar os efeitos positivos e menos positivos do mundo digital, ou seja dos *mas media* que na sua função própria tem provocado mudanças fundamentais na convivência social aproximando as pessoas entre si, mas não contribuindo para cultura do encontro gerando uma cultura fria ou alheia ao sofrimento do outro.

Neste princípio de relacionabilidade encontra-se, pois uma desigualdade planetária (cf. LS 48-52), na qual se identifica um reflexo da degradação social e humana que nas palavras do Papa é a coincidência entre “o ambiente humano e o ambiente natural degradarem-se em conjunto”. Do outro lado, encontra-se “a fraqueza das reações” (cf. LS 53-59) que emerge pela ausência de líderes e de uma cultura necessária para enfrentar a atual crise. A política internacional que poderia condicionar uma saída, é marcada pela fraqueza de sua reação, assim como a política é submissa à tecnologia e a economia à interesses particulares e não mundiais.

Como proposta de reação, Francisco, destaca os exemplos positivos de alguns países que buscam uma melhoria do ambiente, “como saneamento de alguns rios, recuperação de florestas nativas, progressos na produção de energia limpa...” (LS 58). Estas ações mesmo não resolvendo os problemas globais, revelam que é capaz de intervir positivamente em nossa casa comum comprovando que não se trata de um distúrbio de “sonhadores românticos”, bem como de atitudes, que defendem uma “ecologia superficial”.

Essa “diversidade de opiniões” (cf. LS 60-61) mostra as justificas daqueles que buscaram intervir na crise atual partindo de dois extremos: de um lado, aqueles que justificam a crise ecológica em vista do progresso, do outro, aqueles que acusam o homem e suas intervenções como ameaças ao planeta. No fundo, afirma o Papa, “não existe só um caminho de solução, mas um espaço para uma variedade de contribuições e de diálogo” (LS 60), sendo esta, a via que a Igreja se propõe afim de escutar e promover um debate honesto e conclamar, como saída, a esperança que não nos decepciona mas mostra sempre a possibilidade de mudar de rumo e resolver os problemas. Neste sentido, a Bíblia torna-se uma fonte a ser consultada, pois narra as diversas experiências do homem diante dos sofrimentos, como também as expectativas de Deus em relação a criação.

3.2. O Evangelho da criação

No segundo capítulo da LS o Papa Francisco apresenta uma visão bíblica da criação; alerta de não repropor toda a sua teologia, mas de se concentrar nas grandes narrações sobre a relação do ser humano com o mundo criado (cf. LS 65-75).

Segundo Mario Toso, estas narrativas constituem pontos imprescindíveis de referimento para o discernir e ajudar a compreender:

A natureza é um predeterminado: nos precede e nos é dada por Deus como ambiente de vida; que toda a criação, e assim a terra, parte de Deus (Dt 10,14) foi confiada a humanidade, não como propriedade exclusiva, mas como realidade destinada as gerações de cada tempo; que cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo que tem necessidade, mas também tem o dever de proteger e de garantir a continuidade da fertilidade para as gerações futuras... e que ao interno do universo material, a pessoa representa uma novidade qualitativa⁹.

A criação assim como é narrada no livro dos Gênesis é um ato de amor da parte de Deus e tem sua bondade fundamental e originária na própria ação e confirmação divina: “E Deus viu que tudo era bom” (cf. Gn 1,4.10.12.18.21.25). Deste modo, o Papa nos alerta que a terra já existe antes de nós e foi nos dada com a missão de “cultivar e guardar o jardim do mundo” (Gn 2,15).

Esta responsabilidade é baseada em três relações intimamente ligadas, primeiro com Deus, com o próximo e depois com a terra. Por isso, não é uma relação de dominação e devastação, mas de equilíbrio entre os seres, ao passo que, enquanto podemos fazer um uso responsável das coisas, somos chamados a reconhecer que os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus.

Nesta perspectiva diz o Pontífice, a Bíblia não dá lugar a um “antropocentrismo despótico, mas já descreve a convicção atual de que tudo está inter-relacionado” (LS 70) sendo que o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros.

Com esta visão holística a LS descreve “o mistério do universo (cf. LS 76-83) onde cada criatura é potencializada pela docilidade do Espírito de Deus com seu valor e seu significado, sendo, porém o ser humano a novidade em si com sua “identidade pessoal, capaz de entrar em diálogo com os outros e com o próprio Deus” (LS 81). É uma missão especial ao qual o incumbe de maior compromisso em reconduzir junto consigo toda a criação para a meta comum alcançada em Jesus Cristo, a plenitude transcendente.

⁹ M. TOSO, *Laudato Si' . Un aiuto alla lettura*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2016, 20-22.

Todas a criação tem em si uma mensagem refletida do amor de Deus que revela, portanto, a harmonia do universo (cf. LS 84-88) e a interdependência entre si. Os bispos do Brasil, cita o Papa, sublinharam que toda a natureza, além de manifestar Deus, é lugar da sua presença. Em cada criatura, habita o seu Espírito vivificante, que nos chama a um relacionamento com Ele (cf. LS 88)¹⁰.

A prospectiva de Francisco, em suma, mira em superar aquela contraposição entre o homem e a natureza, de apresentar uma convicção de que estamos unidos por laços invisíveis formando uma espécie de família universal, uma comunhão universal (cf. LS 89-92). Este interesse pelo outro causa sensibilidade quando a outra criação sofre, como se fosse uma mutilação do seu próprio membro.

Entretanto, isso não significa dizer que haja uma divinização da terra ou tirar do homem a sua responsabilidade, mas conscientizar da sua dignidade na qual está o princípio da igualdade, isto é, a coerência e o dever de cuidar e proteger o valor da vida. Em outras palavras isso significa, por exemplo, manter a mesma luta tanto contra o tráfico de animais, como pelo tráfico de pessoas. Tudo está relacionado, inclusive o valor e a defesa da vida das criaturas.

Esta comunhão universal com o resto da família humana e com toda a criação, há consequências concretas. Uma destas é a destinação comum de todos os bens da terra (cf. LS 93-95). A família humana recebeu de Deus como herança a terra para dela se alimentar e partilhar seus frutos sem marginalizar ninguém. É uma questão de fidelidade, diz Francisco, quando se refere a destinação comum dos bens e a questão da propriedade privada.

Segundo Bergoglio, estes componentes da doutrina social da Igreja devem ser considerados como meios que levam ao destino final que é Deus e não ao próprio homem. É legítimo o direito à propriedade privada e isso a Igreja não se opõe, mas a mesmo tempo, é dever que o rico e o pobre tenham a igual dignidade. Precisamente aqui se encontra um dos fundamentos da preocupação do Papa em articular sempre a questão da crise ambiental com a da injustiça social. Numa palavra, articular o grito da terra ao grito do pobre.

¹⁰ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *A Igreja e a questão ecológica*, São Paulo, Paulus, 1992, 53-54. Neste sentido, no Brasil, a Igreja tem uma profunda sensibilidade a esta questão. Inúmeras Campanhas da Fraternidade abordaram a problemática: em 1979 houve a Campanha da Fraternidade com um tema : “Por um Mundo mais Humano” e o lema: “Preserve o que é de todos”; em maio de 1992, no ano da Conferência da ONU sobre “Meio Ambiente e Desenvolvimento” (Rio 92), a CNBB realizou um Seminário sobre “Ecologia e Desenvolvimento”; em 2011, a Campanha da Fraternidade trouxe como tema: Fraternidade e vida no planeta e o lema: “a criação geme em dores de parto” (Rm 8, 22). E, 2017, retoma como tema ‘Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida’ e o lema ‘Cultivar e guardar a criação’ (Gn 2,15), buscando alertar para o cuidado da criação, de modo especial dos biomas brasileiros.

Por fim, o Papa conclui sua reflexão acerca do evangelho da criação remetendo-nos ao “olhar de Jesus” (cf. LS 96-100) no qual evidencia-se três elementos do seu olhar terreno e da sua relação concreta e amorosa com o mundo.

O primeiro de todos é o convite de Jesus aos seus discípulos a “reconhecer a relação paterna de Deus com todas as criaturas”¹¹. O Papa apresenta que Deus criador, é aquele Pai que observa, cuida e nutre as criaturas e não as deixa em suas necessidades: “Vejam as pássaros do céu: não semeiam e não plantam, nem recolhem nos celeiros, no entanto, o vosso Pai as nutrem” (Mt 6, 26).

Em segundo lugar, o olhar de Jesus terreno sobre a criação era contemplativo. Conforme papa Francisco, Jesus era capaz de convidar os outros a serem atentos a beleza que tem no mundo porque ele próprio vivia em contato permanente com a natureza e prestava-lhe uma atenção cheia de carinho e admiração: “O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. É a menor de todas as sementes; mas, depois de crescer, torna-se a maior planta do horto e transforma-se numa árvore” (Mt 13, 31-32).

O terceiro lugar, Jesus viviam uma plena harmonia com a criação. Papa Francisco sublinha a admiração que os outros tinham por Ele: “Quem é este, que até os ventos e o mar lhe obedecem?” (Mt 8,27). Jesus, portanto, não foi um separado do mundo, mas viveu levando uma vida simples mediante seus gestos e palavras. “Tudo foi criado por Ele e para Ele” (Cl 1,16), por isso a compreensão cristã da realidade na qual o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, morto e ressuscitado, presente desde a criação.

Portanto, a criação é este reflexo do amor de Deus que revela a íntima relação do amor do Criador com a criatura. Esta harmonia revelada pela Escritura mostra a importância do homem como seu guardião. No entanto, suas ações humanas tem si apresentadas com outras tonalidades, danificando assim esta paisagem plasmada pelo olhar contemplativo e harmonioso de Jesus. Neste sentido, identificar as causas humanas danificadoras à paisagem plasmada pelo olhar de Jesus, torna-se agora a missão do terceiro capítulo. Vejamos que no intermediário entre aquilo que está acontecendo no mundo (primeiro capítulo) e o mundo dado por Deus (segundo capítulo) encontra-se as ações do homem marcadas pelos seus ideais e projetos.

¹¹ É muito interessante a releitura que J.I. Kureethadam faz inspirada nos números 96-100 da Carta. Nossa reflexão segue a linha do seu pensamento (Cf. J.I., KUREETHADAM, *I dieci comandamenti verdi dalla Laudato Si'*, Torino, Elledici, 2016, 91-92).

3.3. A raiz humana da crise ecológica

A crise ecológica contemporânea apresentada por Francisco possui uma causa humana que se manifesta a partir de dois paradigmas: o paradigma tecnológico e o antropocentrismo moderno. Em um primeiro momento, ele faz reconhecer os benefícios do progresso tecnológico para a humanidade (cf. LS 102-114) e afirma que são tantos projetos maravilhosos na qualidade de vida do ser humano que o mesmo tem proporcionado, desde a facilidade de novas soluções, como também, na produção do belo na arquitetura. Por isso, não se pode negar que a tecnociência bem orientada produz um bem imprescindível a sociedade e concede-lhe a oportunidade de dar um “salto” não só na beleza, mas na vida e nas suas atividades ordinárias.

Todavia, ligada a este impacto positivo na vida do ser humano, tem a outra dimensão negativa que merece uma reflexão aprofundada. A tecnologia fomentou no próprio homem, diz Francisco, a ideologia de poder e de um domínio ilimitado. Isso gerou na humanidade uma vaga promessa de que os efeitos naturais podem ser facilmente reversíveis e que uso o demasiado da natureza e das suas fontes podem ser extraídas sem nenhuma medida, pois segundo esta mentalidade, é para o próprio bem do ser humano. Na verdade, esta concepção é uma visão de mercado e de maximização dos ganhos “que não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social”¹².

Esta realidade também é fruto de uma situação política e econômica vigente no mercado atual. Neste sentido, podemos afirmar que o ser humano não foi, ou perdeu, a sua educação para com o próximo e com a criação concentrando em si mesmo um individualismo excessivo.

Para o Papa Bergoglio este “antropocentrismo moderno acabou paradoxalmente, por colocar a razão técnica a cima da realidade” (cf. LS 115-135) fazendo com que o próprio ser humano não reconheça mais a sua posição em respeito ao mundo e se coloque como auto referencial, centrado exclusivamente sobre si e sobre o próprio poder.

Com isso, nasce pois, a relativização dos valores e da própria vida. Em outras palavras: um relativismo prático mais perigoso que o doutrinal¹³ no qual se desenvolve uma ideia de preservação e cultivo, por exemplo, de espécies em extinção, ao passo, que não se reconhece como afronta o aborto, o embrião humano ou a pessoa com deficiência.

¹² Cf. BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2009, 35.

¹³ Para um maior aprofundamento remeto a *Evangelii Gaudium* na qual o Papa chama atenção para o relativismo como cultura do descartável (cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2014, 80.)

A ideia central do Papa Francisco é essa que tudo está interligado e por isso é impossível haver uma relação com a natureza, sem um ser humano novo: “Não há ecologia afirma o mesmo, sem uma adequada antropologia” (LS 118), bem como, se torna inútil haver um esforço em defesa por novas vidas enquanto as vividas são descartadas ou desvalorizadas.

Portanto, se faz necessário a correção deste antropocentrismo desordenado no qual está enraizado a irrelevância e a satisfação em ter de imediato seus próprios interesses saciados. Esta correção ajuda a combater a cultura do descartável bem como a resinificar o valor do trabalho como parte do sentido da vida, caminho de maturação e de desenvolvimento humano e realização pessoal.

Como proposta combatente ao excessivo antropocentrismo atual, Papa Francisco insiste na cultura ecológica. Uma resposta, não a curto prazo ao que se acontece com a nossa casa, mas um constante olhar diferente ao modo de agir e de pensar, ou seja, uma perspectiva holística e integral da própria criação.

3.4. Uma ecologia integral

Podemos afirmar que aqui está a proposta e o coração da Carta LS¹⁴. É um desfecho natural da argumentação crítica desenvolvida por Francisco nos capítulos anteriores e agora, como uma verdadeira guinada, ele aponta uma ecologia integral (cf. LS 137-162) indo mais além de uma simples ecologia ambiental, recobrando todos os campos, o econômico, o social, o cultural, o espiritual e também o da vida cotidiana, sem esquecer os pobres que testemunham também sua forma de ecologia humana e social, vivendo laços de pertença e de solidariedade de uns para com os outros.

Sendo assim, a visão de Francisco, como temos notado muitas vezes, é global, holística, e cabe assinalar que a sua busca de integração não se deve a uma visão instrumental ou utilitarista da natureza na qual o meio ambiente e todos os seres devem ser protegidos, pela sua funcionalidade, mas de fato pelo que eles representam no universo¹⁵.

A crise segundo o Papa vem exatamente da falta de uma visão e de uma abordagem unitária da realidade. Ela não é só da nossa casa comum, mas envolve a família, a política, a economia, as instituições e o futuro da humanidade, ou seja, se nos prendermos em

¹⁴ Desenvolvo amplamente esta discussão no outro artigo: A ecologia integral da Laudato Si: uma visão e uma abordagem unitária da realidade.

¹⁵ Cf. J. M. LÓPEZ CAAMAÑO, *La «ecologia integral» de la encíclica Laudato Si'*, in «SalTerrae» 104 (2016) 685.

conhecimentos fragmentados e isolados, eles podem tornar-se uma forma de ignorância resistindo a integrar-se em uma visão mais ampla da realidade. Neste sentido, o Pontífice nos recorda:

Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (LS 139).

Esta abordagem integral deve ser a solução que devemos buscar para se construir um paradigma de desenvolvimento alternativo. Por isso, é um convite a agir em vários níveis tanto individual e comunitário, como a nível internacional, nacional, regional, local, para responder a crise da nossa casa comum e despertar no ser humano a consciência de sua função diante da imensa totalidade planetária, não a concebendo como uma soma das partes apenas, e sim captando a “concepção unitária que não exclui, mas defende e inclui a diversidade”¹⁶.

Aqui merece repetir a pergunta que o Papa faz: “Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?” (Cf. LS 160), esta reflexão deve gerar em nós uma reação. Vejamos quais são as orientações e pistas de ação que podem ser feitas pela nossa casa comum.

3.5. Algumas linhas de orientação e ação

Nos dois últimos capítulos da LS, Papa Francisco, propõe pistas de ação sobre a temática abordada em toda a Encíclica. Como temos visto, os dois primeiros, é um olhar sobre o que está acontecendo em nossa casa; o terceiro e o quarto constituem o julgar almejando iluminar a meta onde se pode alcançar e, o quinto e o sexto capítulos, as orientações para a ação. Mas a pergunta é: Como devemos agir? Quais são as iniciativas já existentes em defesa de nossa casa? Qual a via indicada pela LS para fazer este percurso?

Já no início da Encíclica o Pontífice faz um convite “para renovar o diálogo sobre o modo no qual estamos construindo o futuro do nosso planeta e, ao mesmo tempo, propõe que uma política em nível internacional” (cf. LS 164-175) prese por isso. A interdependência, diz o Papa, obriga-nos a pensar em um único modo, em um projeto comum, isso não se faz tendo em mente países isolados, mas em consenso mundial.

¹⁶ G. KERBER, *O ecológico e a teologia Latino-Americana. Articulação e desafios*, Porto Alegre, Sulina, 2006, 74.

Deste modo, podemos fazer com que a humanidade do século XXI possa ser lembrada por ter assumido a defesa pela nossa casa comum; prova disso, afirma o Papa Bergoglio, é que hoje já se reconhece algumas iniciativas que ajudaram a entrar na fase de solução, como por exemplo, as Declarações, Convenções e Conferências mundiais acerca da questão ecológica, e outras que infelizmente ainda não conseguiram significativos resultados.

Neste amplo espaço internacional de debates, uma coisa necessária que se deve levar em consideração são os países pobres nos quais as primeiras prioridades devem ser a erradicação da miséria e o desenvolvimento social dos seus habitantes. Isso porque, a concepção de crise ecológica para Francisco tem o eco do grito dos pobres em consonância com os gemidos da mãe terra. Por isso, o diálogo também deve existir em níveis de “novas políticas nacionais e locais” (cf. LS 176-201) a fim de que eles, os pobres, possam ter espaços para uma democracia e uma cidadania ativa.

Neste caso, cada Estado deve ser o responsável por pleitear políticas que asseguram, em seu território, os valores de seus cidadãos e do meio ambiente. Porém, muitas vezes, estes últimos não são levados em consideração por desfavorecer os acordos eleitorais fixados, esta prática é aquela segundo a qual é melhor valorizar o cidadão, corresponder aos seus anseios e, assim ceder as suas solicitações para depois vir as retribuições em formas de votos, do que fazer a escolha pelo meio ambiente e ficar sem a possibilidade de serem reeleitos como candidatos.

Por isso, o empenho local de cada um se torna indispensável e aos poucos isso faz sentido. Recorda o Papa, por exemplo, das cooperativas locais que já exploram a energia renovável sendo um sinal de que é possível fazer a diferença. De igual modo é preciso fomentar o diálogo transparente nos processos decisórios para que apontem políticas e economias para a plenitude da humanidade, bem como as religiões, e a própria ciência rompendo seus limites de linguagem e até mesmo os movimentos ecológicos, presos por vezes, em suas lutas ideológicas, para se moverem em direção do cuidado do nosso planeta.

Ao interno deste quadro de iniciativas, se deve adicionar pois, a educação e a espiritualidade ecológicas com as quais o ser humano renovam profundamente os estilos de vida e restabelecem a harmonia com a natureza, com o outro e com Deus.

3.6. Educação e espiritualidade ecológica

No último capítulo e dentro da perspectiva do agir, Francisco apresenta a educação e a espiritualidade ecológicas como que duas asas que levam o homem a uma mudança radical,

capazes de criar novos estilos de vida e uma nova aliança da humanidade com o meio ambiente (cf. LS 202-221). Segundo ele, o novo estilo de vida é uma mudança radical diante do consumismo desenfreado que põe em risco a vida planetária. Esta obsessão é fruto de um paradigma tecno-econômico, mas também de um coração vazio que busca nos objetos uma consolação e sentido para a vida. Esta dependência consumista, para citar as palavras do Pontífice, “favorece formas de egoísmo coletivo” que se revelam na despreocupação com o outro e com o meio ambiente. Este ato, fruto de um antropocentrismo excessivo, contribui para a fragmentação de uma visão holística da realidade, neste caso, do meio ambiente passando a ser mais forte a força diante do mais fraco.

Por isso, nos encontramos diante de uma situação crucial tanto no âmbito social, ambiental e econômica, que somente uma educação séria e esperançosa poderá iluminá-la, de modo especial, tendo como protagonista os jovens. J.I. Kureethadam fazendo referências ao que o Papa diz sobre esta situação, afirma:

A educação é a estrada mestra para acompanhar a todos, sobretudo os jovens, a tornarem-se guardiões responsáveis da nossa casa comum. Papa Francisco escreve esperançoso por quanto resguarda as jovens gerações o desafio educativo que esses devem enfrentar. Neste momento crítico da sociedade planetária, o sinal de esperança é que os jovens estejam tornando sempre mais verdadeiros protagonistas dos esforços para proteger e preservar a casa planetária comum. Todavia, como eles vivem em um ambiente de excessivo consumismo, tem necessidades de serem ajudados a cultivarem um novo estilo de vida mais sustentável¹⁷.

Interessante perceber aqui que Francisco acentua o aspecto educativo ecológico na pessoa e não nos sistemas e modelos existentes, mas o próprio ser humano, como sujeito ativo e capaz de mudar superando a si mesmo, regenerando-se. Isso manifesta que a atual crise ecológica tem sua raiz humana, porém na própria raiz regenerada tem a solução. Desta concepção segue a atenção necessária para os vários âmbitos nos quais são possíveis desenvolvê-la: “a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, a Igreja Católica, a comunidade cristã [...] nossos seminários, casas religiosas de formação, e outros”¹⁸.

¹⁷ J. I. KUREETHADAM, *I dieci comandamenti verdi dalla «Laudato si'»*, 182.

¹⁸ Interessante ver a citação que J.I. Kureethadam faz em seu livro sobre os pronunciamentos dos Padres nos Estados Unidos da América a respeito da temática. Evidentemente que se trata de dados de uma realidade concreta, mas seus resultados não difere muito de outras espalhadas pelo mundo. A sondagem foi realizada em 2014 pela Public Religion Research Institute & American Academy of Religion, e chegou aos seguintes resultados: a maior parte dos americanos que frequentam as funções religiosas ao menos uma vez ou duas vezes ao mês escutam pouco do seu clero sobre questões de mudanças climáticas. Pouco mais de um terço dos americanos diz que os seus pastores falam de mudanças climáticas frequentemente (11%), ou qualquer volta (25%). Mais de 6 ou 10 americanos dizem que os seus pastores raramente (29%), ou nunca (33%) fazem referimento ao câmbio climático. (Cf. *Ibid.*, 191). Realidade bem diferente acontece no Brasil com as Campanhas da Fraternidade. Muitas já foram realizadas chamando atenção para a dimensão da terra, da criação, da natureza, dos biomas...

Em suma, podemos afirmar que a educação ecológica é essa mudança radical nos pequenos gestos e atitudes diárias, centradas em cada pessoa que vive na comunidade e que é chamada com seu novo estilo de vida a cuidar da criação comunicando a sua beleza que se interliga com o criado, com o próximo e com Deus.

Por fim, o desejo do Papa em propor aos cristãos algumas linhas de “espiritualidade ecológica” (LS 216)¹⁹ compreendendo-as não como normas de doutrinas teológicas, mas que deriva das motivações que a fé suscita para cuidar da casa comum e “alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo”. Na realidade, é antes uma mística que mobiliza as pessoas a viverem o equilíbrio ecológico, aquele interior consigo mesmo, aquele solidário com os outros, aquele natural com todos os seres vivos e aquele espiritual com Deus. É romper com o pecado e se converter ao Criador. J. I. Kureethadam resume bem ao afirmar:

Uma espiritualidade incarnada, autêntica que aprende a viver em modo responsável e com alegria a nossa existência na casa comum [...] que encoraja um novo estilo de vida profético e contemplativo. Uma espiritualidade profundamente sacramental porque ajuda a encontrar Deus em todas as coisas [...] sobretudo com uma percepção de mundo natural, como permeado da presença divina. Como escreve Papa Francisco: ‘na Eucaristia o criado encontra a sua maior elevação’ [...] e assim aponta como destino escatológico toda a criação marcada do Deus Trindade que a tem criado e a sustenta com amor infinito²⁰.

Ligada a esta espiritualidade do cuidado, Francisco conclui citando Maria e José como exemplo de carinho, cuidado e atenção com o mundo ferido (cf. LS 241-242) e nos convida, crentes e cristãos “depois desta longa reflexão, jubilosa e ao mesmo tempo dramática” (LS 246) a caminharmos em direção para o sábado da eternidade no qual cada criatura ocupará definitivamente o seu lugar.

Depois desta análise dos aspectos centrais da Encíclica, podemos concluir afirmando que a preocupação do Papa Francisco está em nos fazer refletir e enxergar que a nossa casa comum está para além do lucro e das conquistas tecnológicas destruidoras; que optando por um consumismo responsável será capaz de avaliarmos os estragos e refazermos nosso caminho de uso sustentável dos bens. Nessa perspectiva, o centro deve ser a pessoa humana e a natureza, e não somente o lucro pelo lucro.

A educação ecológica torna-se, portanto, um instrumento que conscientiza sobre o dever de cuidar da criação tendo como ponto de partida as pequenas ações diárias, que uma vez, motivadas e repetidas dão formas a um novo estilo de vida. Por isso, a Encíclica tem um

¹⁹ O Papa Francisco põe a conversão interior como apelo da espiritualidade ecológica (cf. LS 217).

²⁰ Cf. J. I. KUREETHADAM, *I dieci comandamenti verdi dalla «Laudato si'»*, 203–215.

significado e traduz da melhor forma possível aquilo que está acontecendo com a nossa casa comum, ao tempo que orienta as ações com as quais se podem superar tais desafios.

4. Importância da Carta

A LS escrita pelo Papa Francisco é a primeira Encíclica a falar exclusivamente sobre o meio ambiente. Como vimos anteriormente, os pontífices predecessores já haviam assinalados para a questão e se pronunciados sobre a mesma, mas é a referida Encíclica com 246 números que reflete sobre essa problemática com o intuito de dialogar com o mundo.

É um documento que está no âmbito das questões sociais apontadas pela Igreja, por isso não é um escrito pautado pelos critérios científicos, embora se cheguem afirmar que se trata de uma carta com mais dados científicos recolhidos.

Nos tópicos anteriores penso que ficaram claros os eixos temáticos trabalhados ao interno da LS bastando nos concentrar aqui em três aspectos essenciais que nos interessam. A sua aceitação, as críticas e as consequências após a sua publicação.

Depois da sua publicação multiplicaram as reflexões sobre a temática. Seminários e conferências tiveram como assunto a casa comum e como texto de referimento a LS. Em âmbito religioso, “os crentes não podem mais falar de retardo da Igreja nos cuidados das questões ambientais. Dificilmente si podem encontrar desculpas para justificar a indiferença e não mobilizar-se seja sobre nível eclesial seja aquele social e político segundo uma inspiração própria”²¹.

A sua receptividade nos surpreende quando se refere a comentários, escritos, pronunciamos, tanto a nível nacional como internacional. Na internet, por exemplo, são inúmeros artigos que se pode encontrar com diferentes abordagens, tendo como ponto de partida, algum aspecto da encíclica²².

Outros autores falam do peso da Encíclica no processo global em ato e fazem referência ao tempo significativo que ela foi publicada:

O 2015 é um ano decisivo. Para o mês de julho era programada a III Conferência Internacional sobre financiamento do desenvolvimento, a Addis Abeba. No mês de setembro, a Assembleia Geral das Nações Unidas se é confrontada sobre uma nova série de objetivos de desenvolvimento sustentável, para pôr em prática até 2030. No mês de dezembro, a Conferência sobre a mudança climática a Paris

²¹ M. TOSO, *Laudato Si'.* *Un aiuto alla lettura*, 7.

²² Cf. Várias foram as reações, tanto em âmbito político, social, religioso e científico. Para se ter uma rápida visão do que se fala, se pode acessar: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Laudato_si, 1 (09.03.2017).

é chamada a adquirir os planos e os empenhos de cada governo para retardar ou reduzir o rescaldamento global²³.

Neste sentido, foi um tempo oportuno para se criar um relacionamento e um diálogo com o mundo como era a proposta de Francisco. Entretanto, para outros estudiosos a LS tem algumas carências em não tratar com profundidade alguns temas que constituem a problemática em discussão. Por exemplo, J. Shuck põe em destaque três:

O crescimento exponencial da população humana a partir do início do século XX constitui um problema seríssimo. O único parágrafo em que Papa Francisco discute este argumento é insuficiente (n. 50); ocorria uma retratação mais ampla. Analogicamente, as três frases que o pontífice dedica aos créditos de emissão (n. 171) são precipitadas; também este argumento merecia uma análise mais escrupulosa. Coisa mais grave, nenhum parágrafo fala do sofrimento das mulheres em todo o mundo ligado aos problemas ambientais da escassez da água, a carência do alimento e as mudanças climáticas globais²⁴.

No entanto, de forma geral, a Encíclica recebeu o reconhecimento de cientistas de áreas diversas e de representantes de movimentos sociais. Hoje, quase dois anos depois é possível ver alguns sinais no próprio ministério de Francisco, como Bispo de Roma, fruto desta reflexão. Um deles foi o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, 01 de Setembro 2016, no qual convidou a todos a buscar no rico patrimônio espiritual da Igreja as motivações que alimentam a paixão pelo cuidado da criação; uma outra consequência, foi o espaço criado em um site sobre administração do Pontifício Conselho de Justiça e Paz, com a finalidade de expandir a mensagem sobre a criação²⁵.

Por último, Francisco deu um exemplo de cuidado com a casa comum, adotando para si, um carro elétrico²⁶, mostrando que o seu discurso na Encíclica não é um “discurso verde”, mas palavras que se completam com a ação.

²³ FRANCISCO – A. SPADARO, *Laudato si'*. *Lettera Enciclica sulla cura della casa comune. Testo integrale e commento de "La Civiltà Cattolica"*, 2015, 148–149.

²⁴ J. SCHUCK, é co-diretor do Projeto internacional jesuíta para a ecologia e professor associado de Ética cristã na Loyola Universidade de Chicago/IL (USA). Entre as suas várias publicações, sinalamos: *That They Be On. The Social Teaching of the Papal Encyclicals 1740-1989*, Washington/DC 1991. Em colaboração com John Crowley-Busk está organizando o texto: *Democracy, Culture, Catholicism. Voices from Four Continents*, New York 2016 (em processo de publicação). (Cf. M. J. SCHUCK, *L'enciclica Laudato Si' di Papa Francesco*, in «Rev. Concilium» 51 (2015) 5, 153.)

²⁵ Para mais informações, veja: PONTIFÍCIO CONCÍLIO JUSTIÇA E PAZ, *1º aniversario dell'enciclica laudato si' - 20 giugno 2016*, in <http://www.laudatosi.va/content/giustiziaepace/it/speciale-laudato-si.html>, 1 (09.03.2017).

²⁶ Sobre esta notícia, se pode acessar: L. BISOGNI, *Papa Francesco è green: auto elettrica donata da startup vicentina* in http://bimag.it/impresa/papa-francesco-viaggia-green-nuova-auto-elettrica-donata_436757/, 1 (09.03.2017).

Conclusão

A compreensão holística da primeira Encíclica dedicada a problemática que acontece em nosso Planeta, nos leva a compreender facilmente que a atual crise ecológica não se refere exclusivamente a realidade ambiental em si, mas a social, econômica, política e religiosa. É um conjunto de inúmeros fatores que põem em cheque a situação da nossa casa comum e, ao mesmo, revela uma de suas principais causas que é a raiz humana.

Vimos que a questão ecológica sempre foi uma constante nos discursos dos Papas e que Francisco o coloca em continuidade à sua proposta, motivando a todos a entrar em diálogo e em busca de uma ecologia integral. No fundo, Papa Bergoglio nos chama atenção convocando-nos a comprometermos com o meio ambiente em vista das futuras gerações.

A pergunta a ser feita agora é: o que pessoalmente e comunitariamente, se pode fazer diante da gravidade da situação? Tal questionamento inspira cuidados e esperanças; cuidados porque se o próprio homem não se conscientiza de suas responsabilidades e continua a alimentar, como vimos, o poder da técnica e os projetos econômicos, de nada adiantará os presentes esforços; esperanças, porque se no próprio homem está a raiz ela também pode regenerar-se e abrir-se para uma nova cultura ecológica a partir dos pequenos atos domésticos.

Compreender tudo isso, significa ao nosso modo de ver alguns questões indispensáveis: primeira, que o homem tem a sua responsabilidade baseada em três relações intimamente ligadas, primeiro com Deus, com o próximo e depois com a terra; que uma interpretação correta do ser humano como senhor do Universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável (LS 116); depois, que é impossível desenvolver um discurso ecológico se não há uma adequada antropologia e, por isso, sem uma correta compreensão do que é o homem e a sua conjuntura diante da técnica, da ciência, da cultura, com sua vontade, conhecimento, liberdade e responsabilidade.

Por isso podemos considerar que a LS não se caracteriza como um “discurso verde”, mas palavras que se completam com a ação. Daí a necessidade de todos se envolverem com a causa, tendo como ponto de partida a tomada de consciência de cada um, sendo essa iluminada pelos princípios da educação ecológica integral e de um pensamento global com um agir sempre local.

Referências

- ALICI Luigi – CALVANI Sandro – ET AL., *Abiterai la terra. Commento all'enciclica «Laudato si'» con il testo integrale di papa Francesco*, Roma, AVE, 2015.
- BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2009.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *A Igreja e a questão ecológica*, São Paulo, Paulus, 1992
- FRANCISCO, *Carta Enciclica Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2015.
- , *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2014.
- , *Homilia da Missa, Imposição do Pálio e entrega do anel de pescador para o início do ministério petrino do bispo de Roma*.
- FRANCISCO – SPADARO Antonio, *Laudato si'. Lettera enciclica sulla cura della casa comune. Testo integrale e commento de <La Civiltà Cattolica>*, Milano, Ancora Editrice, 2015.
- J. SCHUCK Michael, *L'enciclica Laudato Si' di Papa Francesco*, in «Rev. Concil.» 51 (maggio 2015), 149–153.
- KERBER Guillermo, *O ecológico e a teologia Latino-Americana. Articulação e desafios*, Porto Alegre, Sulina, 2006.
- KUREETHADAM Joshtrom Isaac (Ed.), *Cura della casa comune. Introduzione a «Laudato si» e sfide e prospettive per la sostenibilità*, Roma, LAS, 2015.
- , *I dieci comandamenti verdi dalla «Laudato si'»*, Torino, Elledici, 2016.
- LÓPEZ CAAMAÑO José Manuel, *La «ecologia integral» de la encíclica Laudato Si'*, in «SalTerra» (2016) 104, 679–692.
- SPADARO Antonio, *Laudati Si'. Guia alla lettura dell'enciclica di Papa Francesco*, in «Civiltà Cattolica» 3961 (2015), 3–32.
- STEFANI Piero et al., *«Laudato si'». Sulla cura della casa comune. Commenti all'enciclica*, Brescia, Editrice La Scuola, 2015.
- TAVARES Sinivaldo Silva, *Evangelho da criação e ecologia integral. Uma primeira recepção da Laudato Si'*, in «Perspect. Teol.» 48 (2016) 1, 59–80.
- TOSO Mario, *Laudato Si'. Un aiuto alla lettura*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2016.